

**MEMÓRIA E BIOGRAFIA EM *O VELHO BAÚ***  
MEMORY AND BIOGRAPHY IN *THE OLD CHEST*

Rosani Ketzer Umbach<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende refletir sobre as relações entre memória e história da imigração alemã no sul do Brasil a partir da narrativa biográfica *Die alte Truhe (O velho baú)*, de Hilda Siri, publicada originalmente no almanaque *Serra-Post Kalender* em 1952. Transportando seus pertences em um baú, uma família alemã se transfere para o Rio Grande do Sul e se vê diante do desafio de recomeçar a vida em um país estrangeiro. O monólogo da narradora, uma descendente desta família, com o antigo baú, agora deteriorado, configura-se em torno de memórias e acontecimentos relacionados à imigração, caracterizando uma narrativa biográfica baseada em uma visão retrospectiva sobre o passado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Biografia. Imigração. História.

Uma família alemã emigra para o Brasil, levando consigo seus pertences transportados em um baú, e tenta vencer o desafio de um novo começo em um país distante, no qual ela chega no ano de 1854. Assim, em uma frase, poderia ser resumida a narrativa *Die alte Truhe (O velho baú)*, de Hilda Siri, mas isso constituiria uma simplificação bastante rudimentar, pois o texto publicado originalmente em língua alemã no *Serra-Post Kalender* em 1952 trata não apenas da história de migração de uma família, mas também revela dimensões artísticas e culturais.

Hilda Siri, aliás Hilda Iris Zwanziger, nascida Gressler, ela própria filha de uma família de descendentes alemães, nasceu em 1918 em Ijuí, Rio Grande do Sul, onde frequentou a “Deutsche Volksschule” (Escola Popular Alemã). Depois continuou seus estudos em Porto Alegre e Novo Hamburgo, entre outros na “Haushaltsschule des Evangelischen Stifts” (Escola de Economia Doméstica da Fundação Evangélica). Mais tarde deu aulas no Instituto Cultural Brasileiro-Alemão de Porto Alegre e, após a Segunda Guerra Mundial, quando a língua alemã foi novamente permitida no Brasil, escreveu textos jornalísticos para o jornal *Serra-Post* e também textos literários para o almanaque *Serra-Post Kalender*, no qual

---

<sup>1</sup> Pós-Doutora pela Universidade de Tübingen. Doutora em Estudos Germanísticos pela Universidade Livre de Berlim, professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Este trabalho faz parte da pesquisa intitulada *Memórias autobiográficas, ficção e história*, desenvolvida com apoio do CNPq. E-mail: umbach@smail.ufsm.br.

ela publicou, entre os anos de 1952 e 1956, sobretudo histórias curtas. Entre elas, surgiu pela primeira vez *Die alte Truhe*<sup>2</sup>.

*O velho baú* narra as expectativas e desejos de emigrantes alemães que queriam mudar-se para o Brasil no século XIX. A narradora da história é uma descendente da família emigrada que, com um discurso memorialístico, se dirige carinhosamente ao baú, desgastado pelo uso de várias gerações, que agora lhe pertence: “Há alguns dias, quando abri a tua tampa...” (SIRI, 1952, p. 1)<sup>3</sup>. Esse baú envelhecido é o propulsor das lembranças do passado da família, mas também de fantasias sobre a origem da madeira com a qual o baú foi construído e sobre os primeiros proprietários da peça preciosa:

De onde vieste, velho baú?

A madeira de carvalho da qual foste fabricado certamente já crescia na época da Guerra dos Trinta Anos na Silésia Superior. [...] Onde terias estado quando ainda eras bem novo?... Certamente em um castelo medieval. A jovem senhora feudal, em largos vestidos, corpete justo e mangas com fendas, terá guardado dentro de ti o fino linho branco, que ela mesma havia fiado e tecido, e alguma joia terá sido escondida bem no fundo (SIRI, 1952, p. 1)<sup>4</sup>.

Diante desta arca agora marcada pelo tempo, que desperta a curiosidade sobre sua utilização em séculos anteriores, cresce o interesse retrospectivo da narradora. Ela persegue em pensamentos o caminho percorrido pelo baú de geração em geração, primeiramente como arca valiosa feita de carvalho, depois acompanhando a história dos imigrantes alemães no Brasil com suas dificuldades para se estabelecer em um território de selva.

Os rastros da família, que estão constantemente associados ao baú e conduzem a narrativa, começam em Breslau, no Leste europeu, atravessam a Alemanha em direção ao porto de Hamburgo, e de lá seguem por um navio veleiro até o sul do Brasil. Neste navio embarcam oito famílias alemãs e, entre elas, também se encontra uma menina que, anos

---

<sup>2</sup> Mais tarde, a autora também publicou este texto em uma coletânea. Cf. ZWANZIGER, Iris. *Die alte Truhe*. 2. ed. Campinas: edição própria, 2000, p. 23-31. A partir daqui, a narrativa será mencionada como *O velho baú*, uma tradução livre do título original *Die alte Truhe*. As demais citações da narrativa também foram traduzidas por mim a partir da sua publicação eletrônica em [http://www.martiusstaden.org.br/files/Rellibra/Autores/HildaSiri\\_DieAlteTruhe.pdf](http://www.martiusstaden.org.br/files/Rellibra/Autores/HildaSiri_DieAlteTruhe.pdf). Acesso em 22 de nov. de 2009.

<sup>3</sup> „Vor einigen Tagen, als ich deinen Deckel aufschlug...“.

<sup>4</sup> „Wo kamst du her, alte Truhe?“

Das Eichenholz, aus dem du angefertigt bist, wuchs bestimmt schon in der Zeit des dreißigjährigen Krieges in Oberschlesien. [...] Wo wirst du gestanden haben, als du noch ganz neu warst?... Bestimmt in einem mittelalterlichen Schloss. Die junge Gutsherrin, in weiten Röcken, in eng anliegendem Mieder und Schlitzärmeln wird in dir das köstliche weiße Linnen geborgen haben, welches sie selbst gesponnen und gewebt hatte und manches Kleinod wird tief unten versteckt gelegen haben“.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 55-63, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.

depois, se casa com o filho da família, tornando-se dessa forma a nova “senhora”<sup>5</sup> do baú (SIRI, 1952, p. 2). Trata-se da bisavó da narradora, Susanne.

Os acontecimentos em torno da chegada em um ambiente estranho, o assentamento dos imigrantes na selva, “no meio do mato, sem teto sobre a cabeça, sem local para o fogo, confrontados com uma natureza hostil” (SIRI, 1952, p. 3)<sup>6</sup>, são descritos com detalhes, bem como as dificuldades posteriores: plantações arrasadas por bandos de macacos, inundações ou casos de acidentes fatais durante o desmatamento. Diante dessas experiências desconhecidas, os imigrantes alemães no Brasil se unem para enfrentar as dificuldades. Visto sob o aspecto histórico, eles formaram uma cultura étnica para se defender em um país estrangeiro. E, de acordo com o comparatista Manfred Schmeling, é justamente diante da experiência da estranheza e da alteridade, que a distinção, a comparação e a compreensão se tornam atividades concretas (1999, p. 19). É essa também a tese de Lucilia Delgado (2006, p. 61): “Não há identidade sem alteridade, sem comparação. Todavia, a tendência predominante é a de destacar a consistência da identidade, e não a sua distinção.”

Percebe-se que subjaz à narrativa biográfica de Hilda Siri a busca por uma identidade cultural relativa aos imigrantes alemães e seus descendentes, em cuja linhagem a narradora se inscreve. Nesse sentido, a memória exerce um papel relevante, já que é a “base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas”, sendo, além disso, “inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento de tempos múltiplos” (DELGADO, 2006, p. 38).

À descrição do ambiente estranho, sucede o relato de outros acontecimentos relacionados à vida dos imigrantes no Brasil até o momento em que as lembranças da própria narradora se integram à narrativa: “Eu te conheci quando tinha quatro anos de idade, querido velho baú.” (SIRI, 1952, p. 5)<sup>7</sup>. Nessa época, a arca pertencia à já mencionada bisavó, que a deixa para sua descendente.

O baú como depósito de utensílios permite uma associação direta, nesta narrativa, com a conservação de memórias e histórias de família – uma simbologia antiga – e alude à identidade cultural e à tradição através de sucessivas camadas de tempo e espaço e, assim, a valores culturais que se quer transmitir às novas gerações. Isso se evidencia quando a narradora se refere às “histórias antigas” que sua bisavó lhe teria contado: “É uma pena que naquela época eu ainda não sabia escrever, pois um século de história e cultura da colonização

---

<sup>5</sup> „Herrin“.

<sup>6</sup> „mitten im Urwald, ohne Dach über dem Kopf, ohne Feuerstatt, einer feindlichen Natur gegenüber(stehen)“.

<sup>7</sup> „Als ich vier Jahre alt war, lernte ich dich kennen, liebe alte Truhe“.

alemã no Brasil teria sido conservado e transmitido à posteridade por meio de suas histórias simples” (SIRI, 1952, p. 1)<sup>8</sup>. Se as histórias da bisavó versavam sobre a cultura da colonização alemã, ressalte-se que, no conto, prevalece a voz e a visão da narradora sobre a história de sua família. É justamente para esse aspecto de conservação do passado na narração que Walter Benjamin aponta em seu ensaio “Sobre alguns temas de Baudelaire”. Para ele, a narração é uma das formas mais antigas de comunicação: “A narração não visa, como a informação, a comunicar o puro em-si do acontecido, mas o incorpora na vida do relator, para proporcioná-lo, como experiência, aos que escutam. Assim, no narrado fica a marca do narrador, como a impressão da mão do oleiro sobre o pote de argila” (BENJAMIN, 1975, p. 40). Também a historiadora Lucilia Delgado chama atenção para a função conservadora da narração: “A narrativa contém em si força ímpar, visto ser também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar e das vozes da memória” (2006, p. 44). A memória, por sua vez, “atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente” (DELGADO, 2006, p. 38).

A emigração de pessoas de um determinado povo para um país estrangeiro gera uma forte ligação com as lembranças de histórias de família, conforme pesquisas já indicaram. Memória e cultura étnica estariam localizadas em um cenário dinâmico do presente, porém de cunho nostálgico, ufanista e de revalorização de práticas, ações, dimensões e simbologias da tradição (TEDESCO, 2004, p. 252). Que a narradora do conto tem em vista a tradição e os valores de seus antepassados, evidencia-se mais uma vez no final da narrativa:

Agora tu serves à descende de um gênero forte, trabalhador, cuja alegria e dor tu compartilhaste ao longo de um século. Tu vivenciaste através de cinco gerações a ascensão de uma família, que da pobreza e da falta de posses conseguiu, por meio do labor, consideração e prosperidade. Tu és uma exortação e compromisso de perseguir o exemplo de meus ascendentes” (SIRI, 1952, p. 6-7)<sup>9</sup>.

A própria família é valorizada e, a partir de uma perspectiva atual, apresentada como exemplar. Com o decorrer do tempo e das gerações, ela experimenta uma metamorfose, uma “ascensão” à prosperidade. Evidencia-se também o interesse da narradora na história da mentalidade, o qual se concentra na vida familiar dos imigrantes alemães e seus processos de

---

<sup>8</sup> „Es ist schade, dass ich damals noch nicht schreiben konnte, denn ein Jahrhundert Geschichte und Kultur deutscher Siedlung in Brasilien wäre in ihren einfachen Erzählungen festgehalten und der Nachwelt übermittelt worden“.

<sup>9</sup> „Du dienst jetzt der Nachfahrin eines starken, arbeitsamen Geschlechtes, dessen Freude und Leid du ein Jahrhundert lang geteilt hast. Du hast den Aufstieg einer Familie durch fünf Generationen hindurch erlebt, die durch Fleiß aus Armut und Besitzlosigkeit zu Ansehen und Wohlstand gelangte. Du bist eine Mahnung und Verpflichtung, dem Beispiel meiner Ahnen nachzueifern“.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 55-63, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.

mudança – infância, velhice, doença e morte – resultando, dessa forma, em uma imagem singular de acontecimentos históricos. Dito de outra forma: o que aconteceu efetivamente é associado com as lembranças individuais da narradora relacionados à sua história familiar e apresentado como experiência própria. Retomando o conceito de narração, esse procedimento lembra a expressão “memória involuntária”, criada por Proust e discutida por Walter Benjamin. Esse tipo de memória conservaria as impressões da situação em que foi criada: “Ela corresponde ao repertório íntimo da pessoa, isolada em todos os sentidos. Onde há experiência, no sentido próprio do termo, certos conteúdos do passado individual entram em conjunção na memória com elementos do passado coletivo” (BENJAMIN, 1975, p. 40). No conto de Hilda Siri, entretanto, a experiência da emigração não é realizada pela narradora, que apenas a incorpora, e sim por seus antepassados. E, ao contrário da concepção de história de Benjamin, o qual compreende a experiência individual – a “pequena” história – no contexto da “grande” história, esta última fica totalmente omitida no conto de Siri. Não merecem referência as guerras e conflitos que se sucederam tanto na Europa como no Brasil no período.

Assim, a história individual da família aparece inserida na história dos imigrantes alemães que vieram ao Brasil no século XIX. Esse passado coletivo dos imigrantes que se estabeleceram no nosso país é frequentemente relatado pelos historiadores e encontra registro na historiografia<sup>10</sup>. Narrativas de lembranças individuais como, por exemplo, *O velho baú*, por seu lado, são limitadas no espaço e no tempo e têm como tema acontecimentos ligados a determinadas pessoas. Sem me aprofundar aqui nas relações entre a história como objeto dos historiadores e a história narrada em textos literários, convém realizar uma breve incursão na assim denominada narrativa histórica.

### **Narrativa histórica**

Narrativas que exploram temas históricos, sejam elas curtas como *O velho baú* ou mais longas como os romances, podem ter características semelhantes no que diz respeito, por exemplo, ao tratamento do tempo ou da memória. Em sua obra introdutória *Der historische Roman (O romance histórico)*, Hugo Aust escreve que a função desse tipo de romance seria a de representar a história – e isso ele conseguiria de maneira tripla: “Ele faz reviver o passado, interpreta o acontecido e é, ele mesmo, parte da história” (AUST, 1994, p. VII)<sup>11</sup>. O conceito de tema histórico caracterizaria “um ponto de interseção entre literatura e ciência

---

<sup>10</sup> Entre outros, FANSEL (1968); WILLEMS (1980); CUNHA e GÄRTNER (2003).

<sup>11</sup> Tradução livre do original alemão: „Er verlebendigt Vergangenes, deutet Geschehenes und ist selbst Teil der Geschichte“. A tradução das demais citações deste livro também é de minha autoria.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 55-63, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.

(especificamente filosofia da história), que não apenas a escrita, mas também a leitura de obras com temas históricos transmite” (AUST, 1994, p. 4)<sup>12</sup> e, portanto, pode ser utilizado e assimilado por meio da narração. Na visão de Aust, ao escolher tais temas, tanto autor como leitor submetem-se a regras restritivas, as quais, no entanto, podem mudar profundamente de acordo com o avanço do conhecimento científico.

Narração histórica significaria narrar histórias cujo pressuposto seja a história reconhecível; ela presentificaria “aquilo que permanece fundamentalmente ausente, porque já ‘era’”, conforme Aust, que ao mesmo tempo acrescenta: “Atrás desses exercícios narrativos estão diversos interesses e intenções, de acordo com os quais também se diferenciam os meios utilizados” (AUST, 1994, p. 17)<sup>13</sup>. Já foi mencionada aqui a intenção da narradora do conto de Hilda Siri de chamar atenção sobre as tradições e valores de sua família e de transmiti-los à posteridade. Trata-se de uma narrativa que tem em vista dar um sentido à história familiar, englobando memória, tempo cronológico e história em sua trama. Para Lucilia Delgado (2006, p. 38), a memória é a base sobre a qual se constroem e se deixam fixar percepções individuais bem como coletivas; é um elemento constitutivo do auto-reconhecimento como pessoa e como membro de uma coletividade pública, como uma nação, ou de uma privada, como uma família: “Memória e História são processos sociais, são construções dos homens, que têm como referências as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade” (DELGADO, 2006, p. 50). A esses “quadros sociais”, Maurice Halbwachs se referia para sinalizar que as experiências só entram no repertório da memória individual e coletiva por meio de esquemas de percepção produzidos socialmente (HALBWACHS, 1985). Também para a historiadora Loiva Otero Félix, o grupo social é o suporte da memória e também da identidade. Esta teria de ser percebida, captada e construída, estando em permanente transformação: “Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo” (FÉLIX, 2004, p. 40).

Ao tripé constituído por identidade, memória e história, adicionam-se, na narrativa biográfica em questão, o tempo e o espaço. Ao tentar resgatar, pelo viés da memória, a história de seus antepassados, a narradora parte do tempo presente e volta ao passado, dando-lhe um sentido: “Com efeito, o interesse no passado está em esclarecer o presente; o passado é atingido a partir do presente” (LE GOFF, 2006, p. 13). O tempo, mesmo não podendo alterar

---

<sup>12</sup> „...eine Schnittstelle zwischen Dichtung und Wissenschaft (bzw. Geschichtsphilosophie), die nicht nur das Schreiben, sondern auch das Lesen von Werken mit geschichtlichen Stoffen vermittelt“.

<sup>13</sup> „...was grundsätzlich abwesend bleibt, weil es bereits >gewesen< ist (...) Hinter diesen erzählerischen Aufgaben stehen verschiedene Interessen und Absichten, und demnach unterscheiden sich auch die angewandten Mittel“.

o que passou, “atua modificando ou reafirmando o significado do que foi vivido e a representação individual ou coletiva sobre o passado”; e “desenha com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado” (DELGADO, 2006, p. 34). Deve-se levar em consideração, entretanto, a advertência de Le Goff: “a oposição presente/passado não é um dado natural, mas uma construção” (2003, p. 13).

A lembrança do passado como construção – esta é, também, a explicação encontrada por Helmut Galle nas neurociências para o funcionamento da memória autobiográfica:

A lembrança, mesmo a lembrança “verdadeira”, não é uma “gravação” como a que acontece em uma filmagem realizada por câmeras, segundo asseguram os neurocientistas. As percepções visuais e acústicas provocam uma atividade em determinadas redes neuronais que, na lembrança, podem ser reativadas, mas nunca da mesma forma como na situação vivenciada: a lembrança é um construto do presente que segue mais ou menos as configurações neuronais ativadas na situação lembrada. Cada nova rememoração, porém, realiza um novo ato de construção, “reescreve” a cena (GALLE, 2008, p. 27).

É esse tipo de rememoração que a narradora realiza em *O velho baú*. Observando-se os meios utilizados para a configuração de acontecimentos históricos sob a perspectiva da narração, eles não se distinguem substancialmente daqueles empregados para outros temas. Entretanto, o tema histórico torna-se mais palpável por meio de sua relação individual com a família, estabelecida no conto de Hilda Siri pela narradora. Esse procedimento equivale à concepção de Aust, de acordo com o qual uma adaptação épica de um tema histórico significa,

a partir da abundância infinita do que sucedeu (e foi transmitido), escolher algo apropriado, puxar uma pista no turbilhão da sequência de acontecimentos, representar fatos, recontar o que foi previamente contado, reavivar e enfeitar fontes, anais e crônicas, completar [...] lacunas, comunicar o que não foi transmitido ou não é passível de transmissão, modificar contrariedades e revelar segredos (AUST, 1994, p. 19)<sup>14</sup>.

Uma adaptação assim é encontrada no conto de Hilda Siri. O baú constitui aqui um elemento central que a narradora utiliza para puxar uma pista, um fio condutor através dos acontecimentos. No que diz respeito aos meios empregados, um dos mais importantes talvez seja o monólogo da narradora, que rememora a história familiar diante da arca. Esse

---

<sup>14</sup> „...aus der unendlichen Fülle des Vorgefallenen (und Überlieferten) Geeignetes auszuwählen, im Wirbel der Ereignisfolgen eine Spur zu ziehen, Tatsachen abzubilden, Vorerzähltes nachzuerzählen, Quellen, Annalen und Chroniken zu verlebendigen und auszuschnücken, Lücken [...] zu füllen, nicht Überliefertes oder nicht Überlieferbares mitzuteilen, Widriges zu verändern und Verborgenes zu offenbaren“.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 55-63, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.

monólogo permite descrever o caminho percorrido pelas lembranças a partir do passado para dentro do presente da narração e trazer à reflexão a história coletiva dos imigrantes alemães no Brasil, tomando como exemplo a história familiar individual.

As descrições da narradora, entretanto, concentram-se exclusivamente na história e tradição de sua família e dos imigrantes que deixaram o continente europeu para se estabelecer em solo brasileiro. Mesmo apresentando uma temporalidade linear, o contexto histórico, tanto da Europa no século XIX, de onde saíram os alemães, como do Brasil na época da chegada e daí para frente, não é levado em consideração, ficando desfocado. Isso faz com que a narrativa tenha um caráter afirmativo, impossibilitando a crítica às circunstâncias externas, à dimensão sociopolítica dos acontecimentos narrados.

Voltando às características da narrativa histórica apontadas por Hugo Aust, percebe-se que elas estão presentes no conto de Hilda Siri. Ao fazer reviver o passado dos imigrantes alemães no sul do Brasil, a narradora interpreta o acontecido, dando-lhe um significado, e transforma a própria narrativa, por meio da representação individual e coletiva do passado, em uma parte da história da imigração alemã.

**ABSTRACT:** This article intends to reflect on the relations between memory and history of German immigration in South Brazil as in the case of the biographic narrative *Die alte Truhe (The Old Chest)*, by Hilda Siri, originally published in the almanac *Serra-Post Kalender* in 1952. A German family carries its belongings in a chest and moves to Rio Grande do Sul, where it is challenged by the difficulties of a new life in a strange country. The monolog of the narrator, a descendant of this family, with the old, now deteriorated chest, turns around memories and events related to the immigration, characterizing a biographic narrative based on a retrospective vision about the past.

**KEYWORDS:** Memory. Biography. Immigration. History.

## Referências

AUST, Hugo. *Der historische Roman*. Stuttgart, Weimar: Metzler, 1994. 176 p. (Sammlung Metzler; Bd. 278)

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas de Baudelaire. Trad. Arlete de Brito. In: \_\_\_\_\_. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 37-76.

CUNHA, Jorge; GÄRTNER, Angelika (Orgs.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação*. Santa Maria: UFSM, 2003. 254 p.

DELGADO, Lucilia. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 136 p.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 55-63, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.



FANSEL, E. Literatura rio-grandense em língua alemã. In: *Enciclopédia Rio-grandense*. Porto Alegre, 1968, v. 2, p. 223-239.

FÉLIX, Loiva. *História e memória: a problemática da pesquisa*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2004, 96 p.

GALLE, Helmut. Juventude no estado totalitário: as autobiografias de J. Fest, G. Grass, L. Harig, G. de Bruyn e Chr. Wolf. In: UMBACH, Rosani Ketzner (Org.) *Memórias da repressão*. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2008, p. 23-70.

HALBWACHS, Maurice. *Das Gedächtnis und seine sozialen Bedingungen*. Frankfurt a. M: Suhrkamp, 1985.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003. 544 p.

SCHMELING, Manfred. Vergleichung schafft Unruhe. In: LENZ, Bernd; LÜSEBRINK, Hans-Jürgen (Hg.): *Fremdheitserfahrung und Fremdhedtsdarstellung in okzidentalen Kulturen*. Passau: Richard Rothe, 1999, p. 19-35.

SIRI, Hilda. Die alte Truhe. In: *Serra-Post- Kalender*, Ijuí, Ulrich Löw, p. 81-92. 1952; e in: ZWANZIGER, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 23-31. Disponível em:

[http://www.martiusstaden.org.br/files/Rellibra/Autores/HildaSiri\\_DieAlteTruhe.pdf](http://www.martiusstaden.org.br/files/Rellibra/Autores/HildaSiri_DieAlteTruhe.pdf). Acesso em: 22 nov. 2009.

TEDESCO, João. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980.